



**ANTELÓQUIO SOBRE O CARÁTER FORMATIVO DA IGREJA-CIUDADELA
NO RIO GRANDE DO SUL**

**PROLOGUE ON THE FORMATIVE ROLE OF THE CITADEL-CHURCH (IGREJA-
CIUDADELA) IN RIO GRANDE DO SUL**

Sofia Inda¹
PPGAV-IA/UFRGS

() **Associado**
(x) **Não associado**

RESUMO

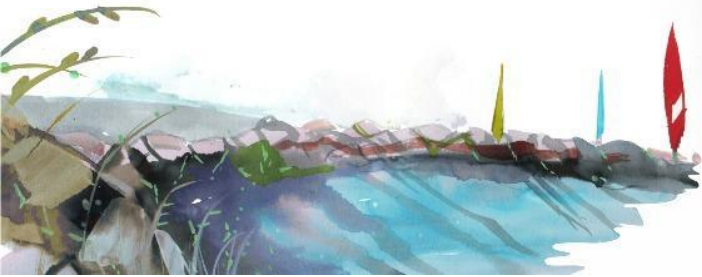
O texto visa a atuação dos engenheiros-militares portugueses no atual estado do Rio Grande do Sul na construção de templos-fortificados durante o século XVIII. Destaca-se a influência das escolas francesas e holandesas, que substituem o modelo italiano na engenharia militar, priorizando planificação, geometria e pragmatismo. No contexto de fronteira, igrejas como a Matriz de Colônia do Sacramento e a Catedral de São Pedro, em Rio Grande, passam a assumir função de cidadela, agregando poder espiritual e bélico. Assim, a expansão dos povoados para além das muralhas fortalece o caráter defensivo simbólico dos templos, que articulam sobriedade formal, austeridade e função comunitária. A arquitetura militar se funde à religiosa, tornando-se expressão da ordem e projeto estatal.

Palavras-Chave: engenharia-militar; templo-cidadela; Rio Grande do Sul; arquitetura fortificada; Coroa Portuguesa.

ABSTRACT

The text examines the role of Portuguese military engineers in the state of Rio Grande do Sul in the construction of fortified churches during the 18th century. It highlights the influence of French and Dutch schools, which replaced the Italian model in military engineering by prioritizing planning, geometry, and pragmatism. In the frontier context, churches such as the Matriz of Colônia do Sacramento and the Cathedral of São Pedro, in Rio Grande, came to

¹ Doutoranda em Artes Visuais, com área de concentração em História, Teoria e Crítica, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAV-UFRGS). Mestre em História e Crítica de Arte pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2019). <https://orcid.org/0000-0002-0863-9904>



function as citadels, combining spiritual and military power. Thus, the expansion of settlements beyond the walls reinforced the symbolic defensive character of the temples, which articulate formal sobriety, austerity, and a communal function. Military architecture merges with religious architecture, becoming an expression of order and the state-building project.

KEYWORDS: *military engineering; citadel-temple; Rio Grande do Sul; fortified architecture; Portuguese Crown*

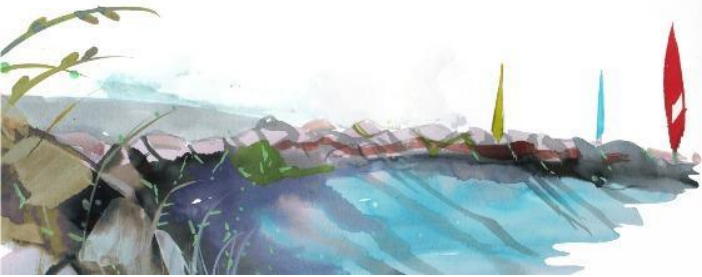
I. Engenharia-militar

Em *O Uruguay*, poema épico dedicado à Guerra Guaranítica (1754–1756) de Basílio da Gama (1740–1795), nos acercamos à imagem da tropa militar e da função exercida pelo engenheiro-militar no exército. O poema inicia com a saída da tropa portuguesa de Rio Grande, liderada pelo Governador do Rio de Janeiro e Minas Gerais, Gomes Freire de Andrade (1685–1763), em julho de 1754, e conclui com a tomada do Povo de São Miguel pelo exército luso-espanhol em 1756, após a batalha de Caiboaté em dez de fevereiro de 1756. No canto I, Basílio da Gama narra o encontro do exército lusitano com o espanhol.

Depois desta se segue a que descreve
E dá ao campo a ordem e a figura,
E transporta e edifica em um momento
O leve teto e as movediças casas,
E a praça e as ruas da cidade errante.

Esses são os engenheiros-militares responsáveis pelas traças, os quais dão ao campo "ordem e figura", ou seja, projetam os fortes, praças, cadeias, igrejas, planificam as ruas etc. Em sequência, vinham a Artilharia, os Granadinos e os Dragões.

No decorrer do século XVI, a Coroa portuguesa começou a investir em instituições oficiais voltadas ao ensino da Arquitetura Militar, movimento impulsionado com o projeto de nacionalização do exército português, demandado pela Guerra da Restauração (1640–1668), pois até aquele momento, dependia-se da contratação de profissionais estrangeiros, sobretudo italianos, a preços elevados.



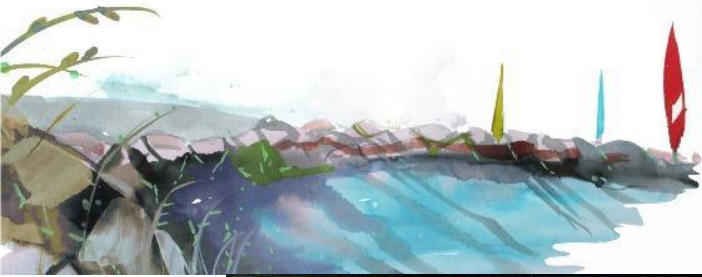
extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Com a reorganização da Academia Militar¹, o engenheiro-mor do reino, Luís Serrão Pimentel (1613–1679)², assume papel decisivo no conteúdo transmitido nas aulas, direcionando o ensino para um viés cientificista, ainda que de rigor escolástico. Em seu tratado *O Methodo Lusitano* (1680)², o engenheiro-mor incorporou as categorias de retilidade, simetria e proporção para a arte de castramentação. Ademais, alicerçou as bases formais para as obras da engenharia-militar, como também da arquitetura civil e eclesiástica, utilizando-se de princípios calcados no pragmatismo, clareza, ordem e geometria da arquitetura clássica. Para o engenheiro, era mister que os partidistas soubessem adaptar seus projetos à situação sem perder de vista o modelo (e a regularidade), de maneira que cumpria ao *engenheiro de juízo* adaptar-se às imposições do meio e conjuntura encontrada.

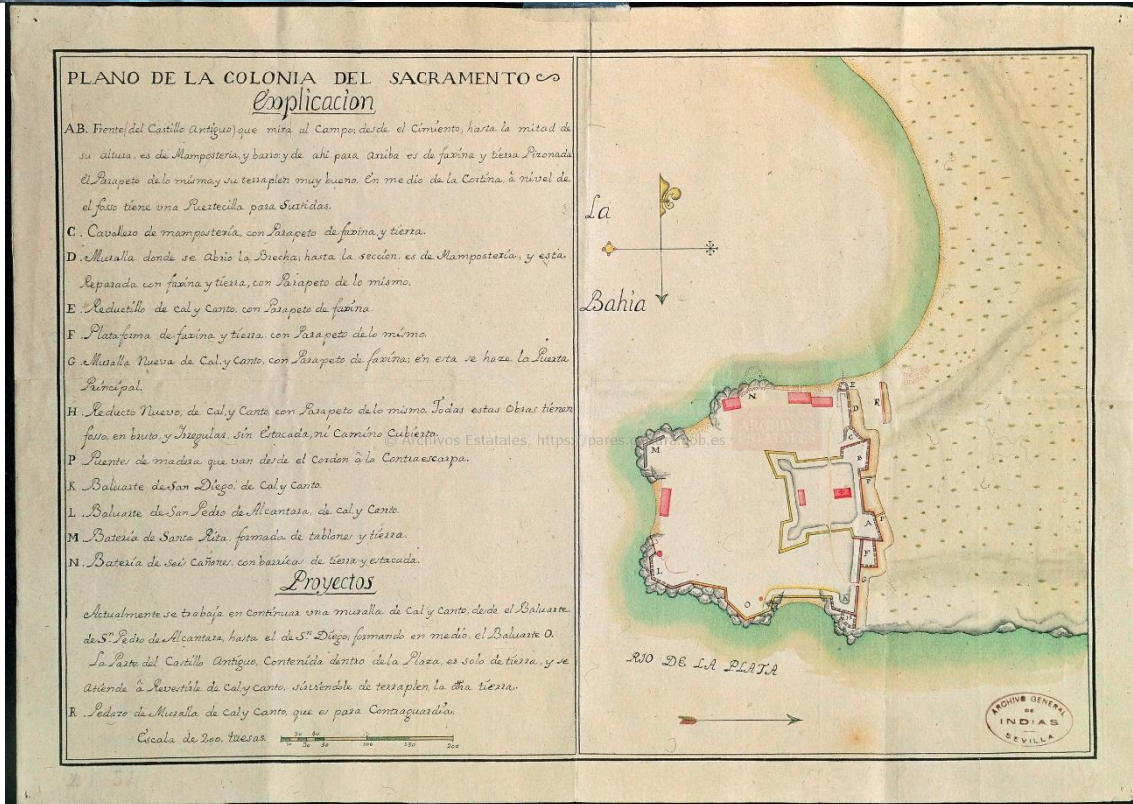
Neste contexto, a influência italiana – empirista-renascentista – é gradualmente substituída pelo olhar sistemático das escolas francesas e holandesas, onde imperava um traçado com maiores recortes de perfil e planimetria. Enquanto os italianos desenhavam as fortificações para fora do perímetro abaluartado (ou seja, os baluartes ficavam no centro das fortificações), os holandeses desenhavam-nas sobre o perímetro exterior – deste modo, fundiram os baluartes ao próprio perímetro exterior das fortificações, como vemos nos Fortes de São Miguel e Santa Teresa, hoje no Uruguai. A manutenção do poder, antes central, agora se dava por meio de fronteiras, as quais, incipientes, erguiam-se como falésias nas muradas do forte.

Ademais, este mesmo modo de construir foi utilizado em Colônia do Sacramento e nos interessa para refletir onde está centralizado o poder bélico e o poder espiritual, religioso, o qual se converte, de certa forma, em espaço de abrigo para a população resguardada no fortim.

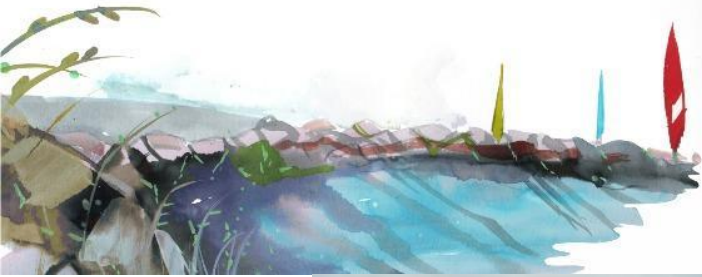


extremos

34° Encuentro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS



Plano de la Colonia del Sacramento, 1739
Archivo General de Indias, Sevilla, España



extremos

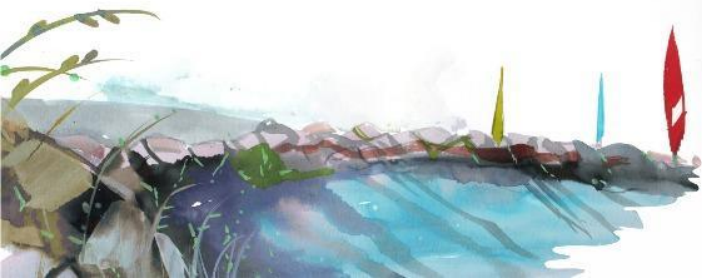
34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS



Vista exterior da Fortaleza de Santa Teresa, século XVIII
Chuy, Uruguay
Fotografia da autora, 2023



Vista interior do Forte de São Miguel, século XVIII
Chuy, Uruguay
Fotografia da autora, 2023



II. Colônia de Sacramento e Rio Grande

Em 1737, a fim de servir de apoio militar ao povoado de Colônia de Sacramento, fundado às margens do Rio da Prata³ – a Coroa Portuguesa estabeleceu, no canal do Rio Grande, um duplo sistema defensivo: o Forte de Sant’Ana, no Estreito, e o Presídio⁴ Jesus Maria José, no Porto. A construção de tais guarnições eram indispensáveis para assegurar o avanço português na região, bem como proteger a população, como encontramos no Regimento da Guarda instituído pelo Mestre de Campo André Ribeiro Coutinho (? –1751) em 1750:

Como quer que o Brigadeiro José da Silva Pais, primeiro Governador deste Domínio, delineasse neste Estreito a fortificação de campanha que permitia este terreno, para afastar da povoação do Porto todo o ataque que os inimigos pretendessem fazer, para se expulsar deste Domínio, livrando aos moradores de todas as hostilidades de guerra, assim para conservar alguma cavahada com os pastos que se presumiam permanentes, e cobrir o desembarque de todas as provisões e petrechos que pudéssemos ter pela barra e da parte do Norte de nossas terras, incontestadas até a Laguna e Viamão, como também por ter menos partes acessíveis e indefesas do que no Forte do Porto, o que só construiu para segurar o primeiro passo que deu neste terreno e se fizesse preciso passar para o dito Estreito este Governo e todas as tropas que sobejavam das guarnições de fortes e redutos e das guardas de cavalo, e se veja com a continuação do tempo que era inexcusável pôr uma guarda no Porto. ³

Outrossim, tanto a Igreja Matriz de Colônia⁵, quanto a atual Catedral de São Pedro, em Rio Grande, foram construídas extramuros. No primeiro caso, com o progresso do povoado-guarnição na época do Governador Antônio Pedro de Vasconcelos (1722–1749), e o segundo, no período em que o Tratado de Madri (1750) oficializava a posse da região para a coroa portuguesa, além de ratificar a permuta dos Sete Povos da Missões por Colônia, avançando com o projeto de migração subsidiada dos casais açorianos⁶. Ou seja, era um momento em que a população expandia-se para fora dos limites das paredes fortificadas. Deste modo, as tranqueiras não circunscreviam-se



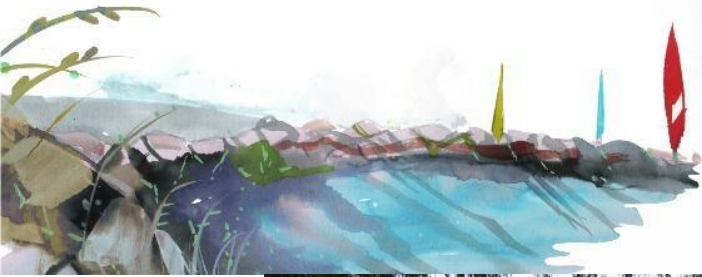
extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

mais a um determinado perímetro, uma vez que não era mais possível restringir as moradias ao espaço interior dos fortins.

Ocorre contudo, que, nesse ínterim, perpetuava-se a disputa com os espanhóis, bem como o clima de insegurança frente às invasões. Em outubro de 1762, Pedro de Cevallos (1715-1778), Governador de Buenos Aires, invadiu Colônia, seguindo para as fortificações de Santa Teresa e São Miguel, na região do Chuí e, em 1763, chegando à Vila de Rio Grande, ocupando-a até 1776. Nesse período, a igreja de Rio Grande, embora saqueada e desprovida de seus ornatos⁷, foi um dos únicos edifícios que resistiram à invasão.

Por conseguinte, levanta-se a hipótese de que, ao desembaraçar-se dos muros da guarnição, o povoado de Rio Grande – e, das demais Paróquias fundadas no XVIII – todavia necessitavam de um espaço de abrigo comunal, *locus* assumido pelo espaço gregário por excelência do período, a igreja. Dessa forma, o templo e sua estrutura em si, *tornam-se ciudadela*.

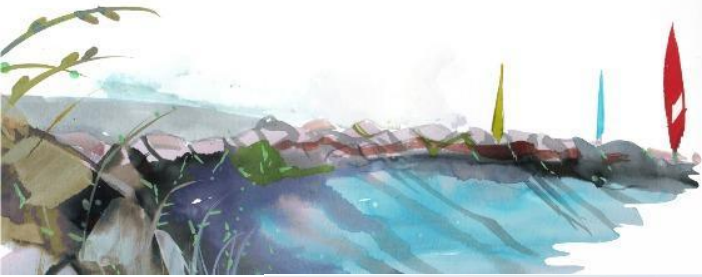


extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS



Projeto de MANOEL VIEIRA LEÃO (1727–1803)
Catedral de São Pedro, 1755
Rio Grande, RS
Fotografia da autora, 2022



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS



Projeto de MANOEL VIEIRA LEÃO (1727–1803)
Catedral de São Pedro, 1755
Rio Grande, RS
Fotografia da autora, 2022

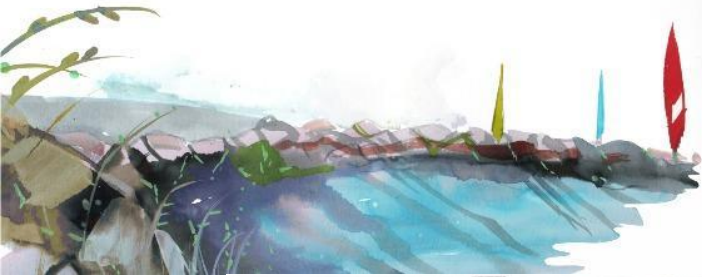


extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

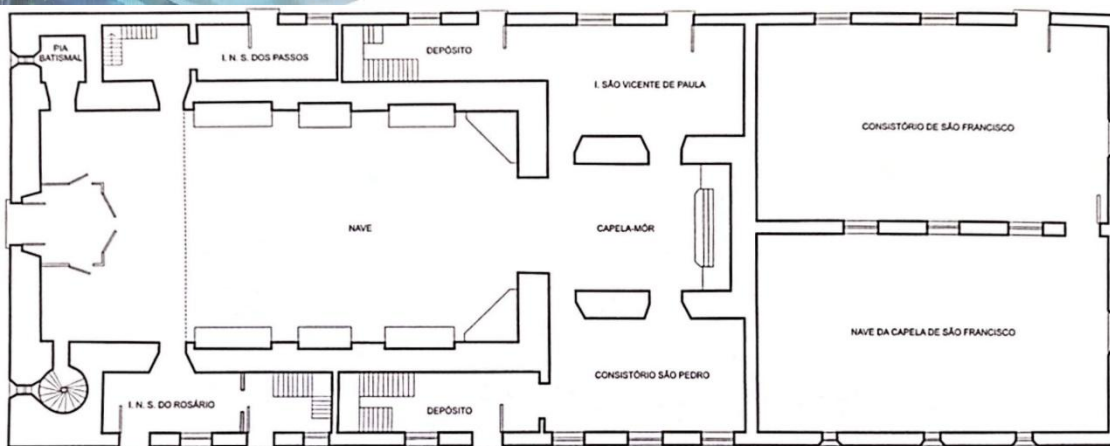


Projeto de MANOEL VIEIRA LEÃO (1727–1803)
seteira (detalhe) localizada na torre, Catedral de São Pedro, 1755
Rio Grande, RS
Fotografia da autora, 2022

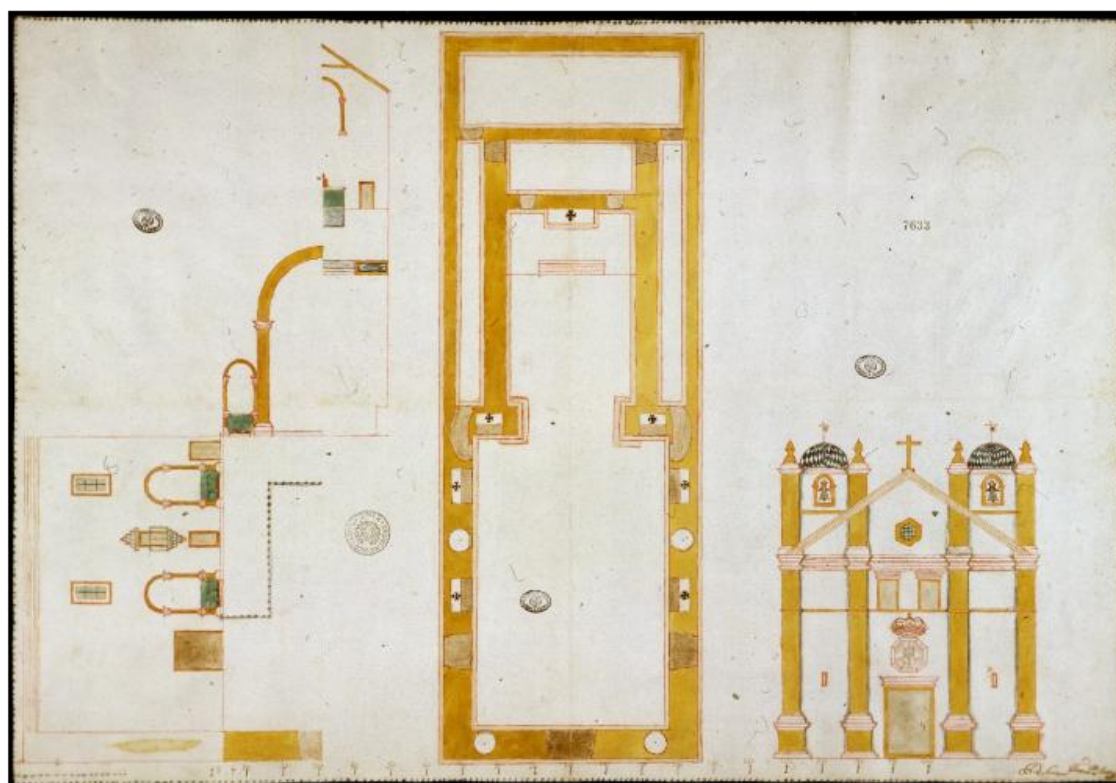


extremos

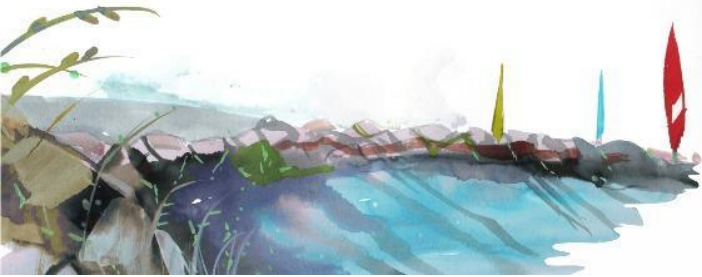
34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS



Planta baixa da Igreja Matriz e São Pedro⁸
IPHAN, Arquivo Rio Grande
Desenho reconstituído a partir da fonte por Naiana Maura John
Escala 1:75



PEDRO FRANCISCO SOARES
Planta Igreja Velha/Igreja Nova da Colônia de Sacramento S/DATA
Coleção Cartográfica e Iconográfica Manuscrita do Arquivo Histórico Ultramarino
Acervo digital Rede Memória



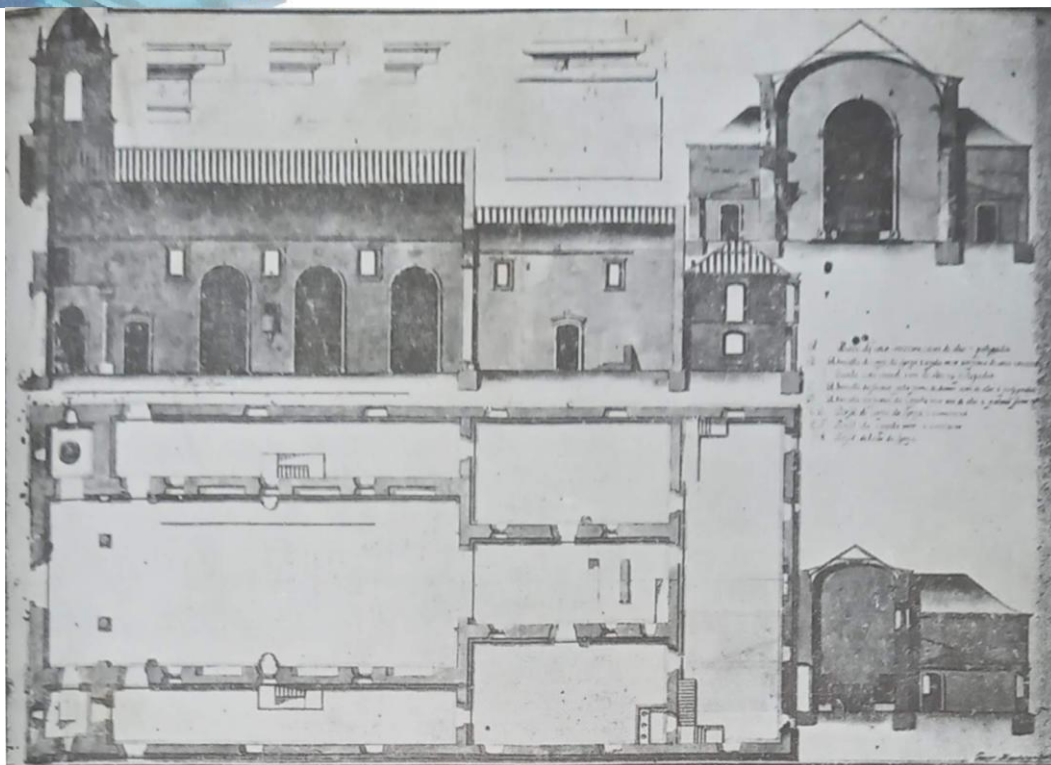
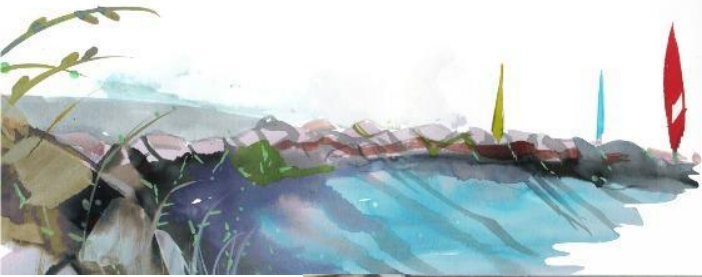
extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS



PEDRO FRANCISCO SOARES

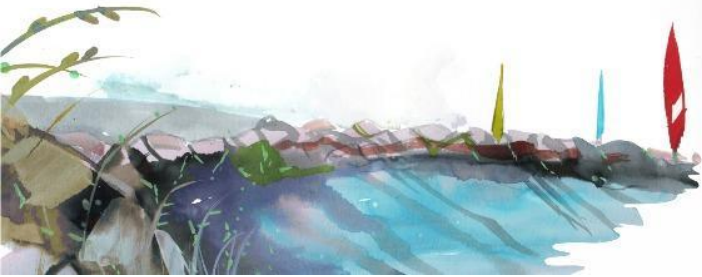
Planta Igreja Velha/Igreja Nova da Colônia de Sacramento S/DATA (detalhe)
Coleção Cartográfica e Iconográfica Manuscrita do Arquivo Histórico Ultramarino
Acervo digital Rede Memória



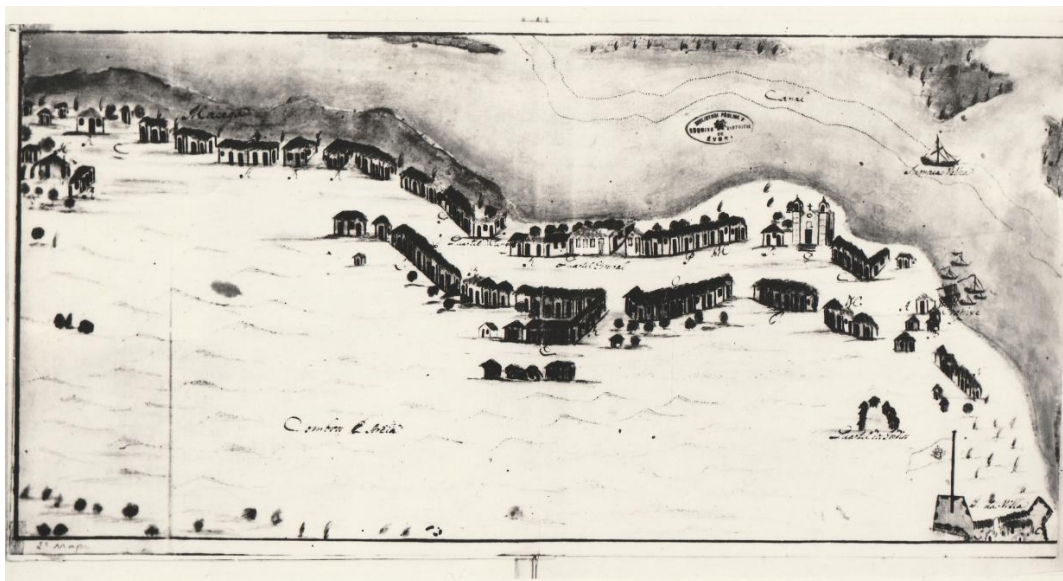
Reprodução do projeto para a construção da matriz de São Pedro, em Rio Grande⁹
Fonte: BARRETO, 1975, p.805¹⁰

Quando comparamos as plantas de Colônia e Rio Grande – risco elaborado em 1755 pelo engenheiro-militar Manuel Vieira Leão (1727–1803)¹¹ – observamos, na segunda, uma estrutura mais verticalizada. Há a presença de seteiras, tanto na base das torres quanto no andar superior. O frontão é triangular, encimado por uma cruz. Janela única com sobreverga curvilínea e porta única, com o mesmo tipo de acabamento. As torres levam a naves laterais, com capelas.

Em ambos projetos, verificamos que a semelhança formal reafirma a eficácia funcional e o objetivo: a construção de edificações sólidas e resistentes que atuassem como espaço de abrigo em um território de disputa. O resultado alcançado é o *templo-fortificado* ou a *igreja-ciudadela*, adaptação racional da engenha-militar portuguesa à situação de instabilidade política e insegurança. Um edifício onde convergem o refúgio espiritual, centro comunal e a guarnição, capaz de proteger a população. Solução



austera tanto em sua estrutura e sobriedade, quanto no efeito visual castrense de sua aparência.



FRANCISCO FERREIRA DE SOUZA
*Demonstração da Villa de S. Pedro do Rio Grande,
situada na Latetude Setentrional de 32 grãos
Acervo Biblioteca Riograndense, Rio Grande (RS)*

A-armazém; B-Hospital; C-Vendas; D-Freguesia (Matriz de S. Pedro); E-Quartel do Regimento Xichorro F-Quarte do Regimento Velho G-dos Srs. Officiaes H-Quartel do Regimento de Moura I-Casas do assento L-Quartel a Cavalaria M-Logas de Fazenda N-Ferraria O-Quartéis P-Quartéis Q-Estrada R-Quartéis dos Srs.Officiaes S-Macega T-Vendas. Canto inferior direito: Forte Jesus Maria José

Na Matriz de Rio Grande, contudo, é importante destacarmos que o efeito visual castrense do templo intensifica-se à medida em que a cidade se *desfortifica*, ou seja, quanto mais ela expande suas delimitações, em uma relação inversamente proporcional. As muralhas, antanho necessárias, são, com o crescimento da Vila, consubstanciadas nas paredes e muros da igreja, assim como na planificação do espaço e no modo de fortificar dos holandeses, que funde os baluartes às muralhas das fortalezas (as delimitações estruturais das paredes correspondem ao próprio objeto da construção, como já foi mencionado) e ao qual aludimos com os exemplos do Forte de São Miguel e da Fortaleza de Santa Teresa.

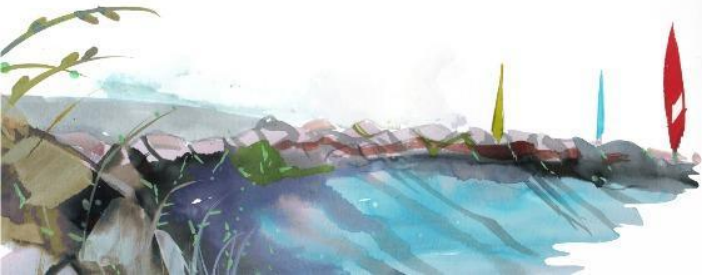


Por outro lado, as edificações dos engenheiros-militares continuam cumprindo uma função, embora, cada vez mais assumindo caráter alusivo e retórico. Por meio de seteiras, da massa e do peso das torres, do volume da fachada, observamos o efeito visual de uma estrutura fortificada. Esse traço complexifica a identificação da construção, pois sua composição formal (que articula um repertório formal e estilístico transhistórico) dificulta a precisão da real destinação do edifício.

Procurando-se erigir tais construções com a maior comodidade e economia possível¹², essa tipologia *desembaraça-se* da prerrogativa *funcional* que liga o edifício à arquitetura desde a Antiguidade. Mais que isso, escamoteia a função eclesiástica em um projeto no qual o objetivo-mor é o pragmatismo da execução das ordens e regimentos dos desígnios monárquicos. São construções a serviço do Estado. Por trás deste intento, está presente um *corpus teórico e reflexivo*, no qual a modéstia e a simplicidade presumem um fim decifrável (a sua aparência entrega-se pela simplicidade, o conteúdo é transmitido de forma *chã* e, por tal motivo, confunde e oculta o signo). A forma aqui também engendra um tropo, perfaz uma volta, um giro, um movimento de sentidos, tal qual uma metonímia, ou figura de linguagem. Na mesma via, a *forma chã* também manifesta-se em Santo Agostinho, quando, ao referir-se às Sagradas Escrituras, destaca seu aspecto de *estilo plano*, um *humili sermoni* que oculta algo que deveras ali reside¹³:

Como é acessível a todo tipo de discurso pelo qual a Santa Escritura é composta, embora penetrável por pouquíssimos! O que contém de evidente ela fala, sem artifício, como um amigo íntimo, ao coração dos cultos e dos incultos. O que oculta em mistérios ela mesma não articula em linguagem altiva, a que a mente vagarosa e sem erudição não ousaria aproximar-se, como faz o pobre em relação ao rico, mas antes, com o *discurso humilde*, convida a todos, não só para alimentá-los em uma verdade manifesta, como também para exercitá-los em uma verdade secreta, possuindo no que expõe aquilo mesmo que possui no que oculta. ¹⁴

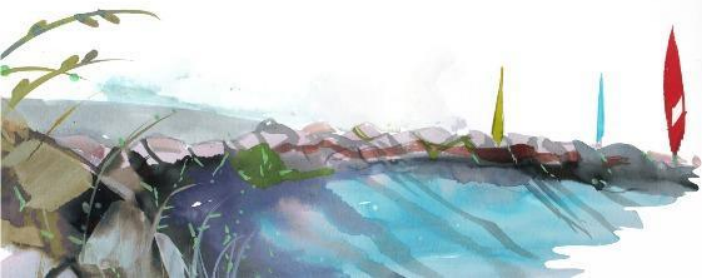
Quanto ao termo *chã* supracitado, lembremos que a denominação já havia sido utilizada por George Kubler, que observa, nas obras, a manutenção de um viés clássico nas traças, as quais não se filiam a uma tendência barroca ou a qualquer



outro vínculo estilístico. Conseqüentemente, os templos setecentistas aferidos constituíram um *corpus* de tipologia de construção que denotava a proteção almejada, já que a arquitetura militar e o efeito visual ligado a ela atuaram como imagem de abrigo e defesa, tanto simbólica, quanto efetiva nos momentos de precisão. Em suma, tratam-se de templos que, por não se encontrarem mais dentro dos muros da guarnição, necessitam substituir, formal e retoricamente, a estrutura do fortim como um todo – além de convergir o eixo radiocêntrico do poder religioso.

Referências

- AUERBACH, Auerbach, Erich. Sermo Humilis In: Ensaios de literatura ocidental: filologia e crítica. São Paulo, SP: Duas Cidades: Ed. 34, 2007
- BARRETO, Abeillard de. Bibliografia sul-rio-grandense. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Educação, 1975
- BITTENCOURT Maria Machado de. Arquitetura de pedra e cal no Litoral Sul e Vale do Jacuí, nos séculos XVII e XVIII: Colônia do Sacramento, Rio Grande, Viamão e Santo Amaro. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007
- BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. Desenho e Designio: o Brasil dos engenheiros militares 1500-1822. São Paulo: EDUSP, 2011
- _____. Do borrão às aguadas: os engenheiros militares e a representação da Capitania de São Paulo. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.17. n.2. p. 111-153. jul.- dez. 2009
- CAVALCANTI, Nireu Oliveira. O Rio de Janeiro setecentista: a vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da corte. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- DELSON, Roberta Marx. Novas vilas para o Brasil-colônia: planejamento espacial e social no século XVIII. Brasília: Alva, 1997.
- Dicionário de Arte Barroca em Portugal. Lisboa: Editorial Presença, 1989
- FARIA, Miguel Figueira de. A imagem útil. Lisboa: Editora Universidade Autónoma de Lisboa, 2001.
- FORTES, Joao Borges. Os casais açorianos: presença lusa na formação do Rio Grande do Sul. 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1978; ROCCA, Luisa Durán;
- GAMA, Basílio da. *O Uruguai*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2009.



GUTIÉRREZ, Ramón. José Custódio de Sá e Faria: um engenheiro na América além das fronteiras. Buenos Aires: CEDODAL, 2020.

KUBLER, George. A Arquitectura Portuguesa Chã. Entre as Especiarias e os Diamantes: 1521–1706. Lisboa: Editorial Vega, 1998

QUEIROZ, Maria Luiza Bertulini. A vila do Rio Grande de São Pedro: 1737–1822. Rio Grande: FURG, 1987

RHODEN, Luiz Fernando. Urbanismo e Arquitetura na Região Fronteiriça do Rio Grande do Sul na primeira metade do século XVIII. Porto Alegre: Armazém Digital, 2013.

RUBERT, Arlindo. História da Igreja no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

TORRES, Luiz Henrique. Câmara Municipal do Rio Grande: berço do parlamento gaúcho. Rio Grande: Salisgraf, 2001

Notas

¹Quanto aos séculos XVIII e XIX, alude-se, sucintamente, à influência de Marquês de Pombal (1699–1782). Quando o primeiro ministro assume a administração do reino de Dom José I (1714–1777), introduz-se um novo programa de estudos baseado tanto nas estratégias de guerra quanto na arquitetura militar. Lembra-se que a transmissão do ensino técnico era de extremo interesse da Coroa, que considerava os engenheiros-militares como “instrumentos políticos” e “retóricos” a serem empregados no seu projeto expansionista. A partir dessa iniciática, difunde-se mormente a técnica da engenharia no domínio português, cuja a aplicação prática era multifacetada, contemplando demarcações de fronteiras, traçado de novas cidades e planejamento urbano, construções de obras civis, eclesiásticas, pontes e aquedutos. Sua atuação torna-se fundamental e estava inserida, como lembra Delson, em um programa político mais que visava garantir o controle dos territórios. Quanto às aulas no Brasil, citam-se as Aulas Militares de Salvador (1696), as Aulas Militares do Rio de Janeiro (1698-99) e a Aula de Terço de Artilharia do Rio de Janeiro (1738), instituição que empreendeu um ensino sistemático da engenharia-militar na Colônia e na qual José Fernandes Pinto Alpoim (1700–1765) atuou como professor (lente). Sobre o temário, cf. BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. *Do borrão às aguadas: os engenheiros militares e a representação da Capitania de São Paulo*. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.17. n.2. p. 111-153. jul.- dez. 2009; CAVALCANTI, Nireu Oliveira. *O Rio de Janeiro setecentista: a vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004; DELSON, Roberta Marx. *Novas vilas para o Brasil-colônia: planejamento espacial e social no século XVIII*. Brasília: Alva, 1997; RHODEN, Luiz Fernando. *Urbanismo e Arquitetura na Região Fronteiriça do Rio Grande do Sul na primeira metade do século XVIII*. Porto Alegre: Armazém Digital, 2013.

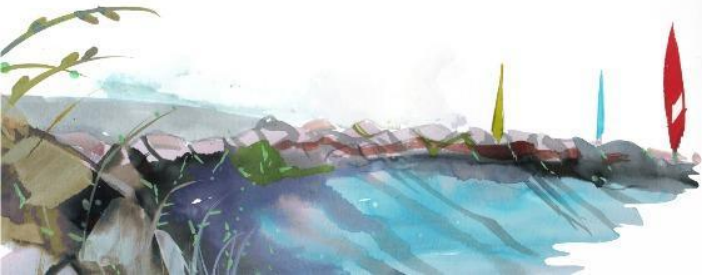
²Vale notar, que antes de Luís Serrão Pimentel, o cosmógrafo-mor do reino, Matheus do Couto (? – ?) teve papel decisivo na transmissão do ensino e de diretrizes para a planificação urbana, construções militares, civis e eclesiásticas, sendo seu *Tractado de Architectura que leu o Mestre e architcto Mathheus do Couto o velho* (1631) utilizado pelas academias militares até o século XVIII e exercido grande influência nas obras eclesiásticas no Brasil. Sobre o assunto, cf. BUENO, 2011

³Em 1676, o Papa Inocêncio XI criou o Bispado do Rio de Janeiro, cuja jurisdição estendia-se até o Rio da Prata, permitindo à Coroa Portuguesa estabelecer um povoado-fortaleza às margens desse rio: Colônia de Sacramento. Logo, fundada em 1680, a guarnição ficava de frente ao porto de Buenos Aires (1580), administrada pelos espanhóis. O controle do estuário interessava a ambas monarquias devido à comercialização da prata transportada pelo rio desde o Cerro de Potosí, na Bolívia, até o Atlântico. Em “resposta” à fundação de Colônia, os castelhanos estabeleceram o Forte de San Felipe e Santiago, em Montevideo (1724).

⁴Na linguagem militar da época, entende-se “presídio” por praça de guerra ou sua guarnição.

⁵Regimento da Guarda do Porto instituído por Ribeiro Coutinho em 09 de agosto de 1740. ANAIS do AHRS, v. 1, p.128.

⁶Idealizado pelo Ministro Alexandre de Gusmão, o projeto de financiamento para migração de famílias açorianas e madeirenses para o Brasil pretendia dirimir os problemas sociais dos arquipélagos, que sofriam com os terremotos e superpopulação e, por outro lado, fomentar o desenvolvimento socioeconômico no Brasil. O programa visava



extremos

34º Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

transferir em torno de 4000 famílias de Ilhéus para o Brasil e, parte deste contingente, ao território das Missões, tão logo estivessem definidos os novos limites. Os casais começaram a chegar no Porto de Santa Catarina entre 1748 e 1749 e, em 1752, no Rio Grande do Sul. No edital, estava estipulado que cada família receberia uma data de terra, animais, ferramentas, sementes e alimentos para seu sustento. Devido a Guerra Guaránica (1754–1756) e a invasão da Vila de Rio Grande (1763) por Pedro Cevallos, os casais açorianos ficaram desassistidos pela Coroa, a qual não cumpriu com o acordado. Para maiores informações, cf. FORTES, Joao Borges. *Os casais açorianos: presença lusa na formação do Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1978; ROCCA, Luisa Durán; GUTIÉRREZ, Ramón. *José Custódio de Sá e Faria: um engenheiro na América além das fronteiras*. Buenos Aires: CEDODAL, 2020.

⁷De acordo com Abeillard Barreto, Cevallos delapidou a ornamentação da Matriz, enviando para a igreja de San Carlos, em Maldonado, Uruguay, as portadas, retábulos, armários, lampadário, Santíssimo e até as imagens de Nosso Senhor Jesus Cristo e Nossa Senhora do Rosário.

⁸Imagem reproduzida em BITTENCOURT, op.cit.

⁹*Planta baixa, cortes verticais na fachada lateral, pilastras, etc. para a construção da igreja-matriz de São Pedro na vila do Rio Grande*. Feita por Manoel Vieyra Leão 1755. Mss., colorida, 0,676m x 0,470; *Projeto de fachada, corte vertical, pilastras etc. para a construção da igreja-matriz de São Pedro na vila do Rio Grande*. Feita por Manoel Vieyra Leão. Mss. colorido. 0,473m X 0,340m. Os projetos contam com notas explicativas acerca das medidas da capela-mor, sacristia, cimalha e pilastras. BARRETO, Abeillard de. op.cit, v.2. p. 803

¹⁰Uma das únicas plantas das igrejas setecentistas do Rio Grande do Sul. Segundo Abeillard Barreto, os originais encontravam-se na Casa de Ínsua, em Viseu, Portugal. Contudo, na década de 1970, ocorreu um incêndio que acarretou na destruição da coleção de plantas e documentos do Brasil Colonial pertencentes à coleção do engenheiro João de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, herdeiro da propriedade. Fonte: GIL, Júlio. Os mais belos palácios de Portugal. Lisboa: Verbo. 1992. Ficha de base de dados SIPA (Sistema de Informação para o Patrimônio Arquitetônico), Disponível em:

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5005

¹¹À época, Leão integrava o corpo da Artilharia com serviço de engenheiro e acompanhava o General Gomes Freire de Andrade ao Rio Grande devido à Expedição Demarcatória de 1752. Ibid.

¹²Como admoestava o Secretário do Estado da Marinha e Ultramar, Diogo de Mendonça Corte Real em 1756 acerca da igreja Matriz de Rio Grande AHU-Avulsos (BG) ACL_CU_003,Cx.15\Doc.1337. Offícios do Secretário do Estado da Marinha e Ultramar, Diogo de Mendonça Corte Real ao Governador do Rio de Janeiro e Minas Gerais, Gomes Freire de Andrada, 25 de junho de 1756

¹³AUERBACH, Auerbach, Erich. *Sermo Humilis* In: Ensaios de literatura ocidental: filologia e crítica. São Paulo, SP: Duas Cidades: Ed. 34, 2007 pp.29-77

¹⁴AGOSTINHO de HIPONA, Santo. Epist. 137, 18; CSEL XLIV, 122 ss. apud AUERBACH, op.cit pp.55-56



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS